ESTÍMULO À VERDADE

AMORIM SOBREIRA

A primeira vez que li a **Filosofia do Direito** de Cogliolo foi numa tradução de Eduardo Spinola que me emprestara o Dr. Eduardo Henrique Girão, mestre notável de saudosa e querida lembrança. Ao entregar-me o livro, informou que lho oferecera Farias Brito. E nesta como em outras vêzes reavivou-me as qualidades e virtudes, o preparo, o amor à cultura e ao magistério, à justiça, ao direito e à humanidade, que foram constantes na vida do filósofo.

Teria nascido então dentro em mim essa admiração que sinto pelo autor de **Finalidade do Mundo.**

Naquele falar pausado, refletido e parcimonioso, o Dr. Girão possuía a prerrogativa de fixar profundamente em nosso espírito a impressão exata do que exteriorizava.

E aquela admiração já remota avolumou-se extraordinàriamente depois que li mais calmamente a obra de Farias Brito. Reconheci de certo modo o que geralmente lhe atribuem quanto às qualidades positivas ou negativas. E não esqueço minha perplexidade quanto possível intensa ao julgar a identidade ou semelhança por êle estabelecida entre matéria e espírito, desnublando-se como ateu e materialista, ao mesmo tempo que imprimia à justiça e à moral cunho nìtidamente relativista. Meu espírito surpreendeu-se porque F. Brito assim refletisse, tanto mais, quanto conhecera seu desassombro ao formular a conhecida crítica a Kant como repetidor do ceticismo grego; a Comte como negando a filosofia; ou a Spencer no desvendar a vacuidade de sua obra, e que, judicioso e percuciente, responsabilizou o materialismo pela desorganização social ocorrente. Não sei se minha geração orientou-se por tal julgamento.

Farias Brito move sobretudo o nosso sentimentalismo. Seu nascimento humilde. Suas dificuldades de vida. A terrível sêca de 77. Facêtas trágicas como a morte do filho primogênito, a morte da espôsa, a morte do pai, o suicídio de um seu parente "por quem tinha a mais alta estima", conquanto haja encontrado aí oportunas motivações. Tôda uma trajetória de luta, de sacrifícios, de esforços inauditos. Sua ânsia pela sabedoria, seu profundo amor, profundo e inabalável, : filosofia.

Lembra-me a palavra de Jônatas Serrano ao considerar que "Farias Brito sublimou o seu nobre caráter e o seu privilegiado espírito no amor, no sofrimento e no serviço ininterrupto à Verdade. Amou a família, amou a Pátria, amou a humanidade. Sofreu penúria, injustiças, isolamento intelectual, a maior das torturas de um espírito qual o seu".

Talvez que essas impressões sentimentalistas nos atinjam, firam-nos, por ser essa geralmente a caminhada de muitos irmãos nossos, isto é, a escalada de acidentes angustiosos. E porque êsse reconhecimento nos leva a distinguir naquele exemplar uma parcela de cada um de nós, no teatro da vida.

Por tudo isto, molesta a impressão causada por aquêles que restringem exageradamente quaisquer méritos de Farias Brito ou que o arremetem irrevogàvelmente para o abismo das incapacidades.

Não é possível negar a Farias Brito traços definidores de uma personalidade de pensador ou de filósofo.

Com absoluta propriedade, escreveu Jackson de Figueiredo que êle era a "mais grandiosa organização de filósofo que até hoje produzimos".

E Leonel Franca, abrindo o capítulo sôbre êle, declarou: "É com verdadeiro prazer que iniciamos êsse breve estudo sôbre o mais original dos nossos pensadores."

Farias Brito empolga e comove ao exprimir-se assim: "Eu quero saber se do que passa e se aniquila, alguma coisa fica e em virtude da qual se possa ter amor ao que já não existe ou deixará de existir; se do que passa e se aniquila alguma coisa fica que não há de passar nem aniquilar-se; quero estudar esta ciência incomparável de que falava Sócrates; quero ensinar aos que padecem como é que se pode esperar com serenidade o desenlace da morte; quero dirigir aos pequenos e humildes palavras de confôrto; quero levantar contra os tiranos a espada da justiça; quero em uma palavra, mostrar para todos que antes de tudo e acima de tudo

existe a lei moral e que é sòmente para quem se põe fora desta mesma lei que a vida termina". Linguagem apostolar e messiânica, e cuja expressão de arrôjo e combatividade se transluz na grandeza de sua alma privilegiada e de sua predestinação missionária.

Os mais prodigiosos vôos, todavia, têm necessàriamente que atingir limites contrários. Na verdade, depois viria Farias Brito confessar humildemente: "Enganei-me, quando imaginei que poderia exercer qualquer influência sôbre a multidão. Esta nem sequer me percebeu e menos ainda me ouviu. Perdi-me no seu seio, confundindo-me com ela, mas sem me destacar em coisa alguma e sob qualquer pretexto, da massa comum. Ou antes, atravessei a multidão; mas apenas como uma sombra que ninguém percebe; estive com ela em contacto, mas como um estrangeiro que nada consegue transmitir do que sente ou deseja, por falar uma língua que ninguém conhece e que apenas se expõe ao ridículo e ao desprêzo".

Esquecera-se Farias Brito de que a sombra do carvalho gigantesco não abriga na mesma proporção daquela das acácias pequeninas? Realmente. A magnitude do nosso viver terreno ou a importância de nossa existência reside sobretudo no crédito que tenhamos construído para a posteridade.

Censura-se acremente em Farias Brito seu pessimismo decorrente de uma assídua tanatomerinia, ou seja, de uma preocupação constante com o problema da morte.

Evidentemente, a cada pensador cabe o direito e mesmo o dever de refletir sôbre a questão relevantíssima. Mas não deixa de ser egoísmo deslustrar o pensamento de outrem pela só razão de não coincidir com o nosso.

Farias Brito repete o postulado socrático de que filosofar é aprender a morrer. Neste sentido e na paisagem conseqüente dêsse comportamento, o pensamento do nosso filósofo abrange os vértices do triângulo cujos lados representam Sócrates, Schopenhauer e Hartmann, principalmente. Vida e morte que são nada surgem como formas do ser. É a evidência de sua conclusão negativista. Daí essa inquirição: "A vida, mesmo libertando-a da morte, seria porventura uma coisa desejável?" Pessimismo Shopenhaueriano. E Hartmann dirige-se para a certeza, quando afirma que a obrigação moral do homem é promover a civilização e a cultura. Excluímos, todavia, o preço dessa conquista que é o seu niilismo gradativo e crescente.

O mundo é vontade, diz Schopenhauer, e esta vontade, quer consciente quer inconsciente, existe fora do espaço e do tempo e se manifesta através da evolução trinômica de natureza cósmica, vital e psíquica. Essa vontade é tendência que apetece a existência na dor ou na insatisfação, geratrizes do pessimismo.

Farias Brito não quis palmilhar detalhadamente o itinerário de Schopenhauer, conquanto por vêzes pareça ultrapassá-lo. Que poderá, de verdade, representar aquela vontade como forma pura ou apriorística do conhecimento do bem e do mal? Nem foi jamais subserviente a Spinosa ou Kant ou Comte ou Hartmann ou a qualquer outro.

No fenômeno da existência ou da temporalidade, procuramos distinguir a extensão e a estimativa, ou seja, a medida e a valoração. Com aquela representação, a função cognoscitiva e com esta, a valorativa. E mais. Neste sentido, a realidade fundamental é o presente, pois o passado pode ser considerado como efeito no presente ou sôbre o presente e o futuro também poderá infletir-se no presente sob um critério de potencialidade. A morte com a vida completam-se na evidência do ser. Quadros prosaicos da vida lembram jocosamente esta concepção transcendental. É o caso da ironia talesiana. Sabendo-se que viver e morrer eram indiferentes para Tales, perguntou-se-lhe porque, então, não morria, ao que êle respondeu: Por ser indiferente.

Então a morte é o nada? Ou seja o "despenhar-se para o nada", segundo afirmativa Rilkeana? Ou é aquela realidade ou aquêle mistério, na conceituação de Marcel?

E, sendo o nada, consistirá nesse fenômeno bio-fisiológico que atinge a tôda criatura vivente corpórea e que reside na cessação da vida? Ou será simplesmente o separar-se a alma do corpo, em vista de êste, por uma razão qualquer, já não poder representar o continente do princípio vital?

Não será a morte o início da imortalidade? Não será o "ser para a morte", significando a união mais íntima do homem com o seu Criador, no juízo de Kierkegaard? E o "Dasein" constituindo-se livremente como "ipseidade" finita, na costrução Heideggeriana?

A verdade é que essa realidade da morte continua resistindo irônicamente à análise satisfatória de concepções imediatistas humanas.

Mas ao sentido trágico do aniquilamento total e absoluto, ao sentido absoluto do nada, podemos antepor o ideal trans-

cendente da esperança que repousa no sustentáculo da fé restauradora, desde que essa fé provenha da revelação.

Quanto a Sócrates, poucas existem tão expressivas nêle como a orientação de sua doutrina moral em seus fundamentos ou em sua sistematização. Cícero já advertira que "Sócrates foi o primeiro que fêz baixar do céu a filosofia", e que a fêz "perguntar pela vida, pelos costumes, pelas coisas boas e pelas coisas más".

Sócrates provoca nossa curiosidade tanto mais quanto recuamos no tempo. Ensinou que o homem deseja necessàriamente a felicidade a qual só pode ser conseguida por quem cultive a virtude, e esta só poderá ser cultivada por quem possua o conhecimento do bem e do mal. O homem será feliz na medida em que fôr virtuoso. Esta felicidade não tem limite porque a alma humana não termina com a morte, pois é semelhante a Deus, sendo por conseguinte imortal. Ninguém poderá negar a Sócrates o haver libertado a filosofia do ceticismo sofístico tangenciando-a para a moral e a psicologia.

É indiscutível a incidência de concepções num aspecto próximo ou remoto e de atitudes caracterizadamente valorativas entre Farias Brito e Sócrates, em que pêse a informação tão difundida de que Farias Brito ignorava totalmente a filosofia antiga.

Concordamos com Leonel Franca em que o fim que se propôs Farias Brito foi eminentemente moral. Sua obra o testemunha satisfatòriamente.

O pensador cearense faz derivar a filosofia moral da filosofia pròpriamente dita, deduzindo consectàriamente um critério geral de comportamento. Em que consiste a estrutura social no seu mecanismo? Como considera especìficamente o objetivo da especulação filosófica ou a organização política? Qual a fácies energética do nosso espírito perante os ideais da comunidade? "As duas manifestações fundamentais do espírito humano, na marcha geral da sociedade, escreveu êle, são a política e a filosofia. A política dá em resultado o direito; a filosofia dá em resultado a moral; e o direito e a moral são as duas alavancas, ou dois eixos centrais do grande mecanismo social. Assim quem tivesse em vista apresentar o plano de uma concepção geral da sociedade, deveria abraçar, em seu conjunto, não sòmente a ação da política, mas também a ação da filosofia, estudando, de um lado, o corpo social pròpriamente dito, isto é, a máquina; e, de outro lado, as produções do espírito, isto é, a fôrça motora dessa máquina. Mas êste estudo, que para seu inteiro desenvolvimento deman-

daria não sòmente um conhecimento completo do homem, mas também um conhecimento completo da natureza, o que mais importaria esclarecer e precisar era isto: a questão política, isto é, o problema do direito; e a questão filosófica, isto é, o problema da moral".

A filosofia de Farias Brito revestiu-se incontestàvelmente de um caráter prático, dinamizando as tendências culturais para a salvaguarda e bem-estar da própria comunidade.

Leonel Franca assinalou que F. Brito, "lançando um olhar em derredor de si vê o mundo a debater-se na mais terrível das crises que ainda o convulsionam. Crise intelectual, manifestada pela anarquia das idéias, pela implacável crítica demolidora que tudo destrói e nada reedifica, pelo ceticismo estéril e escarninho. Crise moral, provocada pelo interêsse originado em norma suprema de ação, pelo utilitarismo invasor, pelo predomínio do egoísmo sôbre o amor e da dedicação. Crise social, qúe avulta na grande revolução preparada por tôdas as causas anteriores e que nos ameaça, terrível e eminente como cataclismo destruidor. Crise religiosa, enfim, causada pelo esmorecimento geral da fé nos povos e nos indivíduos". Para analisar o diagnóstico dêste estado de crescente anormalidade, passa Leonel a citar as próprias palavras de Farias Brito: "Tôda essa confusão e desordem da sociedade contemporânea, a ignorância do nosso destino moral, o esquecimento de nossos deveres para com os sofrimentos de nossos semelhantes... tudo isto não é senão produto inevitável, a conseqüência necessária, fatal da impiedade moderna, o resultado prático da vitória do materialismo do qual só pode ser lògicamente deduzido como critério das ações o interêsse". Como os dados dêste comportamento, já agora contraditório aliás, deduz-se que a solução para tais situações intranquilas ou ameaçadoras não se encontra no marxismo ou no ditatorialismo cientificista de A. Comte ou no naturalismo orgânico de Spencer, pois a "revolução sòmente poderá realizar-se em nome de um grande princípio, de uma grande idéia moral capaz de regenerar o mundo". Quem nos dará êsse princípio quem nos proporcionará essa idéia salvadora? Responde Farias Brito que sòmente a filosofia poderá fazê-lo.

Exalta-o empolgantemente J. Serrano nesta apreciação: "Operário da inteligência a mourejar na gleba dura e rebelde, ao sol inclemente do seu torrão adusto, ou no extremo-norte ou aqui na metrópole atordoante e perigosa. Operário infatigável do Espírito, servo fidelíssimo e incorruptível da Verdade, já desde adolescente ensinando, ainda quando aprendia

as humanidades". E adverte-nos o mesmo escritor com êstes dizeres que também subscrevemos prazerosamente: "Como nunca, está o mundo carecendo de apóstolos capazes de viver e morrer pela Verdade, pela Justiça, pela causa do Espírito contra as fôrças que tentam rebaixar a Espécie ao plano inferior da animalidade. Farias Brito pode e deve ser evocado como aquêle que primeiro, na linha de frente, impávido e desinteressado, humilde mas intrépido e tenaz, defendeu no Brasil, sem razões de ordem sobrenatural, sem argumentos assentes no dogma, o valor metafísico, o primado da inteligência, a verdade irrefutável do espiritualismo".

Não tenho concordado integralmente com tudo o que escreveu Farias Brito. Mas ainda mesmo na minúcia de uma discrepância, não lhe regateio aplauso pelo arrôjo do seu desiderato e pela magnificência do seu ideal filantrópico.

O seu procedimento intelectual fá-lo emergir acentuadamente colorido com o racionalismo panteísta, e bem que eu poderia integrá-lo sem muitas dificuldades no grêmio do médio estoicismo. Adequada no entanto à classificação de Leonel Franca.

A meu ver, poucos documentos possuem tanta relevância na fixação de um tema ou no seu deslinde, quanto a carta que Farias Brito, quase dois anos antes de falecer, escreveu a Jackson de Figueiredo, a qual representa em miniatura o melhor retrato conceptual, a mais sugestiva definição do filósofo cearense. Ei-la integralmente:

"Rio, 6 de abril de 1913

Meu caro Jackson

Quando recebi sua primeira carta, estava sèriamente doente, em condições tais que não podia responder. Caso grave, pois passei mais de um mês de cama. Mas por fim passou a crise, com o que dei prova de grande resistência. E persiste assim um pensamento que se me meteu na cabeça, de que ainda hei de viver muitos anos; o que não significa, entretanto, que eu tenha mêdo da morte ou que tenha muito amor à vida.

Durante o período de minha moléstia deu-se ainda um fato que me causou o mais profundo abalo; o suicídio de um rapaz, meu parente, por quem eu tinha a mais alta estima.

Eu, aliás, só vim a ter conhecimento do que se passou, muitos dias depois. Mas o que sofri, não se descreve. Veio-me, entretanto, daí uma inspiração que me parece fecunda; e à fôrça de pensar na morte, creio ter descoberto (estou disto convencido) o verdadeiro fundamento da religião. Tôdas as minhas inspirações, pelo menos as que persistem através de todo o curso de minha vida e dominam meu pensamento, vêm sempre da morte, de uma pessoa querida. A morte de meu pai deu-me a convicção de que nossa existência não termina com a morte. Agora a morte dêsse rapaz dá-me o verdadeiro sentido da religião. Será tudo isto ilusão? É certo, entretanto, que vejo claro e sinto-me bem com essa ilusão.

Lembra-se da questão que levantamos certo dia, quando conversamos na Avenida, da possibilidade de uma comunicação entre o homem e a Inteligência infinita? Êsse problema continua a torturar-me. Mas na descoberta que julgo ter feito do verdadeiro fundamento da religião faz-se muita luz sôbre o caso.

Fiquei satisfeitíssimo com a notícia que me dá de ser certa a sua volta ao Rio. Brevemente teremos de trocar idéias. E não imagina quanto me é isto agradável, pois não se encontra muito com quem o fazer nesta terra. Pelo menos, tratando-se dos assuntos de nossa preocupação.

Estou curiosíssimo por ver o seu trabalho a respeito de meus livros. Não é o interêsse por ver os meus livros criticados que me faz esta curiosidade; mas o desejo de ver o testemunho de uma consciência como a sua sôbre o valor das minhas idéias. Isto me fará refletir melhor, e poderei assim verificar se estou ou não em êrro. E é o que importa, pois é só a verdade que tenho em vista.

Abrace

Colega e Amigo — R. de Farias Brito".

A verdade é que Farias Brito nos ensina até em suas contradições.

Dir-se-ia que lhe faltava êsse passo decisivo: fazer com que sua dúvida duvidasse da própria dúvida.

Por que razão depois de sua morte ainda irrogar-lhe tantas objurgatórias? tantos impropérios? Por que, sabendo-o no além, lançar contra êle tantos calhaus? Que pode o réptil contra o aroma do cedro altaneiro ou contra o brilho das estrêlas? Que pode o limo contra a cândida açucena?

Há pessoas que querem construir o próprio nome com as cinzas da reputação alheia. Ansiedade vã, tarefa inglória! Esquecem-se de que as auras da tradição tornam-se lufadas violentas com que a Verdade vai despedaçar as imagens forjadas com aquela poeira da prodição, da maledicência ou da protérvia.

Que nesta hora o Amigo e Mestre alimente-nos desta exuberante exaltação mistagógica, ensinando como "tudo é claro para as consciências limpas". Como "nada excede a coragem que dá a convicção do cumprimento do dever, pelo que o justo nada teme". Como "a virtude traz o equilíbrio e a fôrça, o vigor e a serenidade"; e que "é a inteira consciência de si mesmo a harmonia subjetiva, a luz do mundo moral". E ainda que "por isto mesmo é forte e justo, por isto mesmo é inalterável o homem que segue o caminho do dever: e até debaixo de certo ponto de vista, pode-se dizer que não está sujeito ao sofrimento, porque mesmo quando o despotismo o abate, mesmo quando o esmaga a tirania, está bem, porque sente que nada poderá destruir a independência de sua alma".

A atividade filosófica de Farias Brito oferece um legítimo estímulo à procura e realização da Verdade.